

## Carnavais (e outros carnavais) de Teresina nas escritas de A. Tito Filho

Jordan Bruno Oliveira Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa o tema do carnaval nas escritas de A. Tito Filho. Primeiro, a forma como o autor historia o carnaval de Teresina referente ao primeiro centenário da cidade no livro *Carnavais de Teresina*, onde relata o surgimento da festa, suas principais formas, espaços e participantes, além da maneira como a festa foi retrata pela imprensa. Além disso, veremos como o autor se utiliza da escrita para estabelecer novos parâmetros do estudo da festa em Teresina. São apontados também exemplos de autores que, pesquisando o carnaval em diferentes cidades brasileiras, lidaram com problemas parecidos: como por exemplo, as formas como os cronistas de cada época lidavam com as práticas populares da festa em contraponto às práticas tidas como elitizadas (e legítimas). Veremos como o mesmo autor, agora em crônicas publicadas no jornal *O Dia*, ao final da década de 1980 e início dos anos 1990, tratou o mesmo tema, agora lidando com os carnavais do presente, com os quais não se identificava e que acabaram deixando seus textos as marcas de uma lembrança dos carnavais antigos de Teresina, justamente aqueles registrados em seu livro. Por último, abordaremos a importância de se perceber em suas escritas uma relação intrínseca com o tempo, não apenas o tempo cronológico, mas também o tempo tomado como intensidade: a lembrança do passado *desperta* no presente o eco de um futuro perdido do qual a ação política deve, hoje, dar conta.

**Palavras-chave:** Carnaval, Teresina, Literatura, A. Tito Filho, Crônicas.

**ABSTRACT:** The article analyzes the carnival theme in the writings of A. Tito Filho. First, the way the author writes the history of Teresina's carnivals, for the first centennial of the city in the book *Carnavais de Teresina*, which recounts the rise of the party, its main forms, spaces and participants, and also the way the party was portrayed by the press. Then, we'll see how the same author, now in chronicles published in the newspaper *O Dia*, on late 1980's and early 1990's, approached the same theme, now dealing with the carnivals of his present days, with which he didn't identified and that let on his texts the marks of a remembrance of the old carnivals of Teresina, precisely those recorded in his book. Finally, we'll discuss the importance of perceiving in his writings an intrinsic relationship with time, not just chronological time, but also time taken as/for intensity: the way a reminder of the past, in the present, awakens the echoes of a lost future in which the political action must today realize.

**Keywords:** Carnival, Teresina, Literature, A. Tito Filho, Chronicles.

### Carnivals (and others) of Teresina in the writings of A. Tito Filho

---

<sup>1</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação Mestrado em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde desenvolve a pesquisa intitulada "A. Tito Filho: o cronista e o historiador", orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha Queiroz (UFPI) – Linha de Pesquisa: História, Arte e Cultura. Especialista em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: [jordanbruno2003@hotmail.com](mailto:jordanbruno2003@hotmail.com)

## 1. Comissão de frente

Em *Carnavais de Teresina*, A. Tito Filho<sup>2</sup> propõe-se a historiar os carnavais de Teresina, de 1852 a 1952, algo definido já na folha de rosto do livro: “a obra não se propõe registrar todos os episódios carnavalescos da cidade, mas os principais, inclusive dando-se notícia dos folguedos animados e desanimados”. Assim, abre o livro com um pequeno estudo sobre os significados das palavras carnaval e entrudo, numa abordagem etimológica: sobre o entrudo, aponta as formas que a festa tomou no Brasil. Esse estudo do carnaval e do entrudo, tomando como base o estudo das palavras também pode ser observado nas crônicas publicadas posteriormente no jornal *O Dia*.<sup>3</sup>

O autor elabora também uma espécie de vocabulário dos elementos que tradicionalmente compõem o carnaval: máscaras, fantasias, bailes, músicas de antigamente, comidas e bebidas, Zé-Pereira, pufe, préstito, jornais – “sempre os clubes ou sociedades carnavalescas editaram jornais, noticiadores das suas atividades, essas folhas circulavam interna e externamente” – confete, serpentina, cordão, rancho, bloco, curso e escola de samba. Esta parte do livro é importante porque ela funciona como uma espécie de dicionário que ajuda o leitor a acompanhar o texto e assim, por exemplo, entender a diferença entre o rancho e o curso. Ele também apresenta uma listagem dos grandes sucessos da música carnavalesca em Teresina de 1915 a 1952 (TITO FILHO, 1978, p. 5-17). A. Tito Filho também cita Monsenhor Chaves: “o carnaval teresinense até 1852 era mui modesto e consistia quase que exclusivamente no entrudo” (1998, p. 32). O entrudo é descrito por A. Tito Filho como “brutal, das bisnagas, que esguichavam água suja, vinagre e outros líquidos; os limões de cera, as cabacinhas, que se derramavam em roupas e cabeças. O entrudo era sujo e grosseiro: usavam-se nele até baldes, bacias e gamelas d’água de mistura com porcarias” (TITO FILHO, 1978, p. 23).

A forma do texto segue numa narrativa cronológica do carnaval de Teresina, sobretudo a primeira parte. É uma escrita muito mais ligada à crônica antiga – aquela em que o narrador vai compilando os fatos numa relação intrínseca com o tempo. Portanto, a crônica deve ser pensada em um duplo sentido: o moderno, que subentende literatura em prosa utilizando poeticamente fatos e coisas conhecidas do dia-a-dia, e o antigo, que compreende uma recomposição sentimental de fatos e coisas que merecem ser resguardadas, sob pena de, com o tempo, ficarem perdidas sob a pátina do tempo (OLIVEIRA, 2011, p. 3).

---

<sup>2</sup> José de Arimathéa Tito Filho (Barras, 1924 – Teresina, 1992) foi presidente da Academia Piauiense de Letras (APL) de 1971 a 1992. Além de jornalista, foi também professor e diretor do Liceu Piauiense, escritor e editor. Foi Secretário de Educação e Cultura do Estado do Piauí na década de 1970 na administração de João Clímaco d’Almeida. É autor, dentre outros, de *Teresina Meu Amor* e *Sermões aos Peixes*.

Outro aspecto importante a ser observado é o fato de que A. Tito Filho aponta o fim do entrudo no ano de 1859, quando se iniciou o carnaval em Teresina com a fundação de uma sociedade carnavalesca e a realização de bailes no Teatro Santa Teresa. Aponta também os principais locais de festas, as primeiras sociedades, os primeiros clubes, como os Fenianos, que saíram “galhardamente” no carnaval de 1893:

Realizou formidável zé-pereira. A cidade em peso prestigiou o baile de ricas fantasias, nas quais primara o ouro, a seda e o veludo. Salões esplendorosos. Festa deslumbrante que durou até 2 da madrugada. Terça-feira gorda houve marcha triunfal pelas ruas: banda de música, corneteiros e tambores. Pelotão de cavalaria. Carros alegóricos. Mascarados. Uma carruagem de garotas fantasiadas. Depois do desfile, piquenique. (TITO FILHO, 1978, p. 24).

Outro local onde os bailes eram realizados era a Assembléia Legislativa, onde foram realizados dois bailes carnavalescos em 1896:

Aspecto encantador do palácio da Câmara. Na fachada, fila de lanternas. Em cada janela, folhas e flores naturais. Um boneco, movido por cordel, agitava braços e pernas, saudando os que chegavam. Pelas paredes, caricaturas bem desenhadas por Casusa Avelino. Máscaras. Balões. Bandeirolas. (TITO FILHO, 1978, p. 25).

Outro local importante era a praça Rio Branco, que em 1914 recepcionou “carnaval de muita animação. Domingo, a praça rio Branco ofereceu aspecto deslumbrante. Imensa massa popular apreciou os folguedos. Tocava-se o maxixe. Muitas senhoritas davam aspecto encantador ao principal logradouro da cidade”. Quanto ao carnaval de 1920, A. Tito Filho faz uma citação de um jornal que se referiu ao carnaval como indescritível:

‘É verdadeiramente impossível descrevermos o que foi o carnaval, este ano, em Teresina. Ainda não vimos tanto entusiasmo, tocando mesmo ao delírio. Todas as classes sociais brincaram, riram, dançaram, na alegria mais comunicativa’. No dia 12 de fevereiro, 5ª feira, o zé-pereira percorreu a cidade. A partir de 6ª feira, bailes. Domingo, mascarados a pé e a cavalo. Carros alegóricos. A praça Rio Branco estava intransitável e ali se verificaram batalhas de lança perfume e confete. (TITO FILHO, 1978, p. 27).

Quanto ao carnaval de 1925, A. Tito Filho refere-se à refundação do Clube dos Fenianos, “que ofereceram bailes animados” para os seus sócios. No domingo de carnaval, “verdadeiro delírio”, com a participação da banda de clarins da Polícia Militar: os foliões saíram pelas ruas, invadindo as casas de amigos. Intensas batalhas de lança-perfume, curso de

---

<sup>3</sup> Disponíveis em: [www.acervoatitofilho.blogspot.com](http://www.acervoatitofilho.blogspot.com)

automóveis, muita música (sambas, tangos e maxixes). Além disso, Jônatas Batista<sup>4</sup> improvisava versos num automóvel e nos bailes do Clube dos Diários verificou-se muito luxo (TITO FILHO, 1978, p. 30). Nos carnavais de 1928 e 1929, ativou-se o processo de “assaltos” a casa de famílias. No carnaval de 1935, muitos festejos de grande animação:

O zé-pereira desfilou pela avenida Frei Serafim, a partir das 15 horas. Do curso participaram carros de publicidade das cervejas Cascatinha e Brahma, com orquestras. O veículo da segunda foi ornamentado por Ercínio Fortes. O bloco Fuzarqueiros do Amor especializou-se nos ‘assaltos’ a residências, cujos donos cediam os salões para os folguedos e ofereciam bebidas. Uma das ‘assaltadas’: o palacete de Simplício Mendes. (TITO FILHO, 1978, p. 32).

Existiram também comissões julgadoras dos blocos carnavalescos que participaram naquele ano. Avaliavam-se os blocos pelo tipo: os blocos pedestres, a veículo e de baile. Alguns blocos possuíam suas próprias músicas, como o bloco da Caninha Verde, que cantava os versos: *Ó minha caninha verde / Desta vez ninguém me pegue / Quem não brinca o carnaval / Vá pro diabo que o carregue* (TITO FILHO, 1978, p. 33). Ao final da primeira parte do livro, abordando os carnavais do início da década de 1950, em uma parte do texto intitulada “carnaval de hoje”, A. Tito Filho aponta que ocorreram muitas modificações no carnaval teresinense, com festas desanimadas, o aparecimento de novos tipos de blocos, como o bloco de “sujos”, além da extinção dos corsos e aparecimento de outros tipos de clubes, não mais aqueles clubes carnavalescos, mas clubes de lazer no fim de semana que ofereciam bailes durante o período festivo.

## 2. Fantasias e adereços

Na segunda parte da obra (intitulada “Carnaval Humorístico”), A. Tito Filho refere-se ao jornal *O Pirralho*,<sup>5</sup> no qual trabalhou no início da década de 50. Aborda mais especificamente ao ano de 1952, que encerra o recorte temporal do livro quando o jornal publicou uma edição humorística (“um dos grandes momentos do carnaval de 52”) em que A. Tito Filho elaborou os textos em prosa e “Valdemar Sandes o responsável pelos textos em verso”. Além disso, a edição contou com caricaturas feitas por Ubiratan, o caricaturista do jornal. Dentre os personagens satirizados pelo jornal estava o governador do Piauí, Pedro

<sup>4</sup> Ver: TITO FILHO, A. Jônatas. **O Dia**, Teresina, 04 junho 1988, p. 4. Disponível em: < <http://migre.me/cPjU1> >. Acesso em: 05 janeiro 2013.

<sup>5</sup> Foi um jornal crítico e humorístico, criado e dirigido por B. Lemos em 1948. Ressurgiu em nova fase, em 1952, de propriedade e dirigido por Alberôni Lemos, com a colaboração de A. Tito Filho. Após novo encerramento de suas atividades, reapareceu em 1972, como suplemento de *O Estado*.

Freitas. Eleito em 1950, assumiu em 1951 após derrotar o adversário Eurípedes de Aguiar, conhecido jornalista e intelectual do Piauí (“médico laureado”) que já havia governado o Piauí entre 1916 e 1920. O jornal satirizou justamente o fato de que Pedro Freitas não possuía formação acadêmica: *Sem sê um cabra istudado / Passei us pé nus douto, / Pois meu primêro deploma / Foi u de governadô* (SANDES apud TITO FILHO, 1978, p. 39).

Outro aspecto da edição de *O Pirralho* que A. Tito Filho considera importante é uma entrevista “imaginária”, atribuída ao jornalista Aluísio Ribeiro da Silva (“redator chefe do jornal VIVA O GOVERNO”) que chefiava a imprensa governamental. Na entrevista fictícia, o governador é questionado acerca do futuro do Piauí, o problema da água, os transportes, educação e cultura, além do problema dos enterros em Teresina (TITO FILHO, 1978, p. 41-45). Outro destaque da edição carnavalesca de *O Pirralho* foram as caricaturas e versos satíricos de figuras que o jornal considerava representativas da cidade de Teresina, boa parte deles intelectuais ligados a imprensa e a literatura ou mesmo à política local. Um dos “homenageados” foi Mário José Baptista:

Homem de bem, culto, honrado, mestre popularíssimo, valia boa caricatura e bons versos. Usava espesso bigodão, com as pontas no rumo de cima. Não dispensava guarda-chuva, chovesse ou fizesse sol. Nunca desprezava o tabaco torrado (rapé). Gostava de sentar-se sobre uma das pernas. (TITO FILHO, 1978, p. 45).

Além disso, a caricatura também contava com os seguintes versos: *Nem todo crente é batista / Mas todo batista é crente / Só o velho Mário Batista / Nem é batista nem crente*. Outro caricaturado foi Fabrício de Arêa Leão, “indispensável ao humorismo”. Segundo A. Tito Filho, “na edição carnavalesca de *O Pirralho* não poderia faltar o popularíssimo Budak, apelido de José Omatti, sírio que muito novo se radicou em Teresina. Durante muitos anos foi proprietário de cinema na capital piauiense”. Além da caricatura e ele também foi homenageado versos satíricos (TITO FILHO, 1978, p. 47-48).

Outro homenageado foi José Gayoso Freitas, “ilustrado mestre universitário”, que era então presidente do Conselho Estadual de Educação: *Sou’ magro mas sou sadio, / A farra a mim não estafa, / Pra não viver no desvio / Varro cacos de garrafa* (TITO FILHO, 1978, p. 51). Além dos citados acima, outros personagens foram caricaturados e versados pela edição carnavalesca de *O Pirralho*, como o ex-prefeito de Teresina Godofredo Freire e o jornalista Alberoni Lemos, então proprietário do jornal *O Pirralho*. A parte final de *Carnavais de Teresina* traz também uma listagem das “personalidades citadas no texto”, “personalidades citadas na poesia Caninha Verde”, “personalidades da poesia citada por Capeta”, além de

“algumas observações” que trazem explicações acerca de, por exemplo, locais citados ao longo do livro, como o Teatro Santa Teresina: o primeiro teatro de Teresina e que abrigou muitos dos bailes carnavalescos citados pelo autor longo do texto (TITO FILHO, 1978, p. 53-63).

É importante ressaltar também que a obra confirma muito do que outros trabalhos já demonstraram acerca dos carnavais da cidade. Em Teresina, como em boa parte do mundo ocidental, o carnaval é representado como uma festa lúdica, caracterizada pelo espírito irreverente e envolvente, em que os participantes são contagiados pela ansiedade, estimulados pelo desejo, pela utopia e pela liberdade de poder fazer em três dias tudo aquilo que não lhes é permitido durante todo o ano. O carnaval cria um estilo de vida plausível de negação da ordem vigente. Pudemos observar isto, sobretudo, na segunda parte da obra, onde A. Tito Filho aborda a edição carnavalesca de *O Pirralho*. Foi possível perceber também que até a década de 1920, o carnaval teresinense esteve confinado, praticamente, nos bailes em clubes e residências particulares, embora já se realizassem préstitos constituídos por carruagens lotadas desfilando pelas ruas ao som de marchas triunfais. O carnaval teresinense até os anos 30 do século XX esteve quase totalmente circunscrito aos clubes.

Assim, a festa que é tida como essencialmente popular ocorria em espaços privados e sem maiores inovações (SÁ FILHO, 2001). Mais adiante, veremos que o motivo pelo qual o carnaval surge como uma festa elitizada e restrita a certos espaços é um elemento apropriado pela própria fonte. Ou seja, não é o caso de pensarmos que o carnaval de Teresina fosse assim, mas sim como o autor queria representá-lo.

### 3. Bateria

Considerando os elementos que compõem *Carnavais de Teresina*, seus temas e sua escrita (e mesmo sua organização), é possível perceber que ele possibilita uma leitura e um estudo de muitos dos elementos que estão presentes na historiografia do carnaval brasileiro. O livro poderia mesmo ser analisado em termos de modelos de estudo sobre o carnaval. É o que demonstra, analisando o zé-pereira e suas várias faces, Maria Clementina Pereira Cunha (2001). Ela aponta que ao longo do tempo a historiografia brasileira construiu um modelo, ou mesmo uma tradição,<sup>6</sup> acerca do estudo do tema. Constituiu-se primeiramente para o carnaval uma imagem semelhante àquelas da loucura. A ideia de inversão, associada à do

---

<sup>6</sup> Ver: Williams, Raymond. Um problema de perspectiva. In: **O campo e a cidade: na literatura e na história**. Tradução de Paulo Henriques Brito. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 22-28.

afrouxamento consentido das regras firmou-se no Brasil da segunda metade do século XIX como o principal eixo dos significados da festa. Era uma concepção recorrente entre intelectuais e literatos das últimas décadas do século XIX – é o modelo “escape através da inversão”. A autora aponta que a possibilidade de uma diluição onírica e ritualizada das diferenças contidas nestas noções levou alguns intelectuais, de ontem e de hoje, a ver nos carnavais momentos propícios à emergência de uma identidade genérica – nacional ou carioca, por exemplo – oculta nos dias comuns. Seja como for, importa notar que muito cedo se procurou, na folia, os sinais de uma identidade possível e se lutou intensamente pela definição de seu perfil.

Para ela, a historiografia brasileira sobre o carnaval tem mantido alguns traços predominantes absorvidos dos cronistas destas antigas folias, imersos em suas dúvidas e dilemas políticos sobre a legitimidade e os limites da presença popular, sobre uma identidade nacional que oscilava entre as “raízes” do passado e a visão projetiva do país “moderno” e uma cultura popular dividida entre a perseguição policial e a folclorização. Fez-se, assim, da história do carnaval um simulacro da história de uma identidade construída e a atribuída à nação, cujas implicações, do ponto de vista dos critérios e procedimentos de análise, devem ser explicitadas. Para a autora, em primeiro lugar, dela resultou a prevalência da história política como eixo universal de explicação – onde o carnaval é abordado nos termos de uma evolução. Duas outras matrizes explicativas ainda mais importantes e por certo muito antigas na tradição intelectual do país também podem ser observadas. Uma é a da democracia racial brasileira.

Outra é a da imagem carnavalescamente pacificada da nação, reconciliada nos ritos de Momo, capaz de se reconhecer e rir de si mesma no palco da folia, no qual pode se encontrar uma identidade profunda. Por último, a autora aponta que seria muito mais interessante ver o carnaval como uma ocasião de multidões nas ruas, de explosões de violência e manifestações de comportamentos, de disputas pela legitimidade da presença de diferentes setores e grupos no interior da festa, em um tenso diálogo social. Observemos então três exemplos de pesquisas (que são leituras minhas para a elaboração deste artigo) que procuram dar conta justamente dos critérios postulados acima.

A primeira diz respeito à pesquisa de Alexandre Lazzari (2001) sobre o carnaval em Porto Alegre. Aí, o conflito em torno do carnaval diz respeito à possibilidade de se considerar legítimas representantes das tradições carnavalescas algumas práticas populares da festa, apesar de seu aspecto desagradável. Ele observa isso a partir das opiniões dos “homens de

jornal” – geralmente jornalistas e cronistas. Predominavam nas páginas dos jornais porto-alegrenses a ideia de decadência e degeneração de um sentido original do carnaval e a saudade de um passado idealizado como tradição desaparecida. O autor aponta que esta era o modelo aplicado por alguns cronistas e jornais do momento (1870-1915): evocar um tempo idealizado de confiança e respeito mútuo perdidos poderia ter um significado muito especial naquele contexto em que elogiar o passado em detrimento do presente, mesmo se tratando do comportamento dos foliões nos dias de carnaval, não seria algo politicamente inócuo. Os mascarados, zé-pereiras e demais grupos eram insuportáveis porque queriam ser igual a eles, ocupar o mesmo espaço simbólico em que, antes, a elite da cidade pensava representar com exclusividade a imagem legítima do carnaval.

Para os literatos estudados pelo autor, o verdadeiro carnaval era uma festa para pessoas de condição superior; a festa deveria distinguir os indivíduos, ou então as posições sociais perderiam seu sentido verdadeiro. O carnaval era, então, um pretexto para a entrada em cena dos discursos moralizadores, fosse com intenção pedagógica voltada aos indivíduos ou como uma maneira de admitir a existência da hipocrisia e do convencionalismo, considerando-os um problema social antes que individual. Era muito mais uma preocupação com o *como* e *quem* brincava o carnaval.

Já Cristina Schettini Pereira (2001), em seu estudo sobre as sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro do final do século XIX, procura analisar suas relações com as mulheres e a presença delas no carnaval. Exclusivamente formadas por homens (muitos deles envolvidos diretamente com a causa abolicionista e republicana), muitas dessas sociedades buscaram, numa afirmação da identidade de foliões civilizados e civilizadores, frequentemente recorrer a figuras femininas, sempre nos termos da dicotomia honesta/prostituta. Na Proclamação da República, nos primeiros anos do novo governo, essas sociedades mudaram seus temas ao incluírem mulheres que se formaram em medicina ou que reivindicavam o direito ao voto. O segundo pilar de suas identidades de foliões, obviamente, era composto pelo outro lado da dicotomia que compunha seu padrão de julgamento moral das mulheres: as prostitutas.

Segundo a autora, os jornais chegavam a vender páginas inteiras para que cada sociedade publicasse longos *puffs*, anunciando seus bailes e, principalmente, seus desfiles em grandes carros pelas principais ruas da cidade. Esses homens utilizavam as sociedades para cultivar o que poderia ser chamado de uma “licenciosidade carnavalesca” para si próprios e ao mesmo tempo fazer propaganda da abolição e da República. Com esses desfiles pretendiam abolir também o entrudo e outras práticas difundidas entre a população carioca desde tempos



coloniais, substituindo-os por formas de diversão que consideravam mais civilizadas, supostamente inspiradas nos carnavais venezianos.

Meu último exemplo é a pesquisa de Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2001) sobre os clubes recreativos cariocas nas duas primeiras décadas do século XX. A partir do estudo (sobretudo) de fontes policiais, ele descreve os problemas que marcavam as experiências dos frequentadores destes clubes e demonstra como muitos deles tinham como característica principal uma composição social restrita, sendo formados em sua maior parte por trabalhadores de baixa renda. As próprias sedes dos clubes dançantes evidenciavam tratar-se de centros recreativos para uma população de baixa renda. Estas associações eram alvo de constantes cuidados e permanente repressão policial – num esforço que resultou para a posteridade em inúmeros maços de processos de concessão ou cassação de licenças para seu funcionamento, além de uma infinidade de notícias nas páginas policiais dos grandes jornais cariocas.

Segundo o autor, inúmeros cronistas dos jornais cariocas caracterizavam seus festejos como antros de perdição e violência. Tornava-se comum, por isso, a presença desses clubes nas colunas policiais de jornais diversos. Consequentemente, ganhavam também no noticiário uma imagem muito semelhante àquela construída pela força pública. Os cronistas, ao verem sofrimento e tortura onde os frequentadores enxergavam prazer e diversão, mostravam o abismo que separava as concepções letradas sobre seus clubes e bailes do modo pelo qual eram vividos pelos que se entregavam às suas danças e requebros nas regiões mais pobres da cidade. Os cronistas não perceberam também que ao fazer do lazer um motivo de união os frequentadores desses centros recreativos mostravam ter nos clubes um elemento de identidade.

O autor mostra que muitos desses clubes possuíam estatutos, e que estes não apareciam como mera estratégia para obtenção de licenças de funcionamento, mas como elementos capazes de definir padrões aceitáveis de comportamento que ordenavam a própria dinâmica dos conflitos. Mais do que incidentes por eles patrocinados, estes incidentes ocorriam de modo ocasional em cada um desses clubes, e parecia mesmo que sua composição social era a maior responsável pela desconfiança dos agentes da força pública. Mas estratégias para fugir do controle policial eram comuns entre os membros que demonstravam, portanto, que a severa vigilância exercida pela força policial era fruto não de algum tipo de problema realmente ocorrido em suas sedes, mas de um preconceito expresso como condenação.

#### 4. Harmonia

Pensar a escrita de A. Tito Filho como um modelo implicaria um retorno ao ponto que apenas mencionei na primeira parte do artigo: aquele referente à diferença entre a crônica antiga e a moderna. Muitos daqueles elementos presentes nos modelos de estudo do carnaval brasileiro descritos por Maria Clementina Pereira Cunha são perceptíveis em *Carnavais de Teresina*. Por exemplo, a escrita marcada por uma organização cronológica da festa, ano a ano, num período bem delimitado (de 1852 a 1952). Outro elemento é a presença no texto de um capítulo abordando o significado das palavras carnaval e entrudo. São dois elementos que remetem àquilo que a autora apontou como uma abordagem evolutiva (uma história, portanto, política) do carnaval. Além disso, A. Tito Filho delimita o início dos carnavais de Teresina como uma ruptura em relação ao entrudo, que nem mesmo chega a ser considerado como carnaval ou parte dele – o carnaval surge do próprio desaparecimento do entrudo.

Em *Carnavais de Teresina* percebemos também uma preocupação do autor em vincular as festividades ao universo das elites letradas e políticas, bem como apresentar o carnaval como um período marcado por aquela ideia de inversão apontada por Maria Clementina Pereira da Cunha: a edição humorística de *O Pirralho* seria o espaço por excelência dessa inversão – ali estão as caricaturas e versos satíricos que homenageavam figuras do mundo político e das letras, além da referida entrevista fictícia com o governador Pedro Freitas.

Para Roberto DaMatta (1997), considerar a inversão como o princípio sociológico central para o qual converge o universo carnavalesco implica a necessidade de realizarmos um esforço de juntar a forma (a lógica e o mecanismo) com o conteúdo, o que resulta em questionar o que é invertido no caso do carnaval brasileiro. Para ele, o carnaval inventa seu espaço social, que, embora possa estar determinado, tem suas próprias regras, sua própria lógica. O carnaval é um momento especial, onde tudo pode acontecer, ou seja, sociologicamente, um período em que o mundo social fica pleno de potencialidades e deixa de ser focalizado por meio de seus mediadores sociais ordinários como profissão, bairro, riqueza, poder, etc. (DAMATTA, 1997). É justamente isso que Maria Clementina Pereira Cunha criticava ao propor uma nova forma de abordar o carnaval, uma nova forma que levasse em conta uma visão do carnaval como o espaço do conflito ou mesmo o momento em que os conflitos são silenciados. A. Tito Filho em nenhum momento registra práticas carnavalescas que não sejam atreladas aos grupos que lhe interessa mostrar. Aliás, a única que menciona é o

entrudo, mas apenas para fazê-lo desaparecer. O autor que surge no livro é, assim, não um mero cronista (aquele, no sentido antigo, que compila fatos), mas um sujeito que se preocupa muito mais em apresentar um ponto de vista acerca do carnaval (FARACO, 2008).

O importante aqui é notar que o carnaval não tem necessariamente o mesmo significado para todos os participantes (BURKE, 2006). Ao final da segunda parte do livro, aquela em que A. Tito Filho historia os carnavais de Teresina, ele termina o texto apontando que:

De certo tempo ao dias atuais houve muita modificação no carnaval teresinense: desanimados folguedos nas ruas, nas quais aparecem alguns dos chamados blocos de *sujos*; extinção do curso de automóveis e caminhões; aparecimento de outros clubes recreativos que, quase sempre, oferecem bailes durante o período momesco; e o desfile das *escolas de samba* de caráter competitivo, com apoio da Prefeitura Municipal. (TITO FILHO, 1978, p. 39, grifos do autor).

Esse trecho remete aquele citado anteriormente, sobre a pesquisa de Alexandre Lazzari, onde o literato evoca um tempo idealizado de confiança e respeito mútuo perdidos, de um verdadeiro carnaval, que poderia ter um significado muito especial naquele contexto em que elogiar o passado em detrimento do presente poderia resultar em algo positivo. Paradoxalmente, o lugar onde a escrita de A. Tito Filho tentaria com mais ênfase resolver o conflito em torno do carnaval, ou seja, o que ele pensava ser a verdadeira festa é o da crônica (no sentido moderno) onde escreveu sobre o mesmo tema mais de dez anos após a publicação de *Carnavais de Teresina*.

## 5. Conjunto e dispersão na selva pornográfica

Em suas crônicas sobre o carnaval (inclusive sobre o carnaval do Brasil) existe uma intensa mudança de tom. Ainda que as primeiras, como por exemplo *Velhos Carnavais*<sup>7</sup> e *Carnavais de Teresina*,<sup>8</sup> mantenham uma estrutura similar aos capítulos do livro, inclusive reproduzindo o texto do livro, nos dias seguintes elas tomam um novo rumo.

Em crônica intitulada *Carnavalescação*, A. Tito Filho faz uma comparação entre os carnavais do passado e do presente. Sobre os carnavais do passado, aponta que antigamente

---

<sup>7</sup> Ver: TITO FILHO, A. *Velhos carnavais*. **O Dia**, Teresina, 29 janeiro 1989, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPjYy>>. Acesso em: 05 janeiro 2013.

<sup>8</sup> Ver: TITO FILHO, A. *Carnavais de Teresina*. **O Dia**, Teresina, 01 fevereiro 1989, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPk4w>>. Acesso em: 05 janeiro 2013.

se fazia carnaval na terça-feira. E a coisa se tornou gostosa e reclamou a segunda, o domingo. Depois se adotou o sábado, a sexta-feira, numa encompridação constante. Contem-se os dias: de sexta-feira anuncia-se que o expediente em todos os setores tem início ao meio-dia, embora só operário de salário-mínimo cumpra o estabelecido. A farra termina de manhã, no dia das cinzas e ninguém nasceu e cresceu feito de ferro. Há necessidade de que o álcool saia das entranhas. Conte-se a quarta. Restam a quinta e a sexta. A antevisão do sábado e do domingo faz que se dê feriado desde o início da festa até o domingo seguinte seguida a ela. Reino da preguiça e da malandragem. (TITO FILHO, 1989, p.04).

O carnaval fazia, em sua opinião, com que a nação se paralisasse por mais ou menos dez dias, afetando muitos dos seus setores produtivos, sobretudo o serviço público. Constituía assim péssimo exemplo de “chefões, chefetes, chefinhos”, já que o país gastava somas “fabulosas” em escolas de samba, enquanto os serviços públicos essenciais (hospitais, remédios e segurança pública, por exemplo) eram escandalosamente ignorados pelo poder público. O carnaval, que deveria ser uma festa de alegria e bom humor, transformou-se na visão do cronista em “espetáculo de luxúria e de pornografia, de luxo nos desfiles e fantasias dos grandes centros populacionais.” Aqui percebe-se que A. Tito Filho está criticando, provavelmente, o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro transmitido pela TV. Mas na terça-feira de carnaval, ele se dirigiu a avenida Frei Serafim, uma das mais importantes da cidade, para ver o que chamou de carnavalescação. Descreve-a como de

mau gosto generalizado. Frescura muita. No meu tempo de rapaz, só havia de baitola o animado Bernardo Alfaiate, que sempre saía de baiana cheia de enfeites, de vistosos adornos na cabeça, mas sem peitos. Aplaudidíssimo. Agora o carnaval se faz com veados e bumbuns. Cada maricas de seios e salamaleques que dá gosto. As fêmeas de traseiros à mostra e algumas até de boi de cara de preta de ninguém botar defeito. Não vi exibição de beleza feminina, mas simples e veemente pornografia. (Idid. id.).

No dia seguinte, o autor publicou nova crônica que matinha o mesmo ritmo do texto do dia anterior, onde novamente fazia uma comparação entre os carnavais do presente e do passado. Em Quase no fim, afirma que o carnaval valia uma festa graciosa, bem humorada e de alegria contagiante. Mesmo em tempos mais remotos, lá no início do carnaval propriamente dito, “depois que se proibiu a estúpida brincadeira do entrudo” ainda no século passado a festa acontecia em bailes nos clubes sociais e nas ruas. Segundo o autor, o carnaval passou por uma evolução, “ano por ano”, que resultou numa festa cada vez melhor: apareceram os ranchos, os cordões, os blocos cheios de entusiasmo que percorriam as ruas da

cidade e prestigiavam as festas nos salões. Para ele, o carnaval era um misto de beleza e deslumbramento:

Que dizer das saudosas batalhas de confete e lança-perfume nas praças animadas de inesquecíveis sambas e marchas executadas pelas bandas militares? O automóvel e o caminhão fizeram o curso gostoso. Percorriam-se ruas previamente escolhidas e veículos, marcha vagarosa, lotados de moças e rapazes, se enfeitavam e de um para outro jogava-se colorida serpentina. Muita cantiga bonita e movimento de corpo. Pelas vias públicas desfilavam homens fantasiados. Muito bom humor em tudo. Raras brigas se verificavam. Nos grandes centros registrava-se as vezes um crime de morte. (TITO FILHO, 1989, p.04).

Já a festa de Momo do presente, transformou-se numa grande manifestação de complexos, espaço de perversão. O que parece alegria é na verdade fúria e violência. O carnaval se transformou, na visão do cronista, em uma válvula de escape para manifestações de angústia e para que “doentes espirituais” fujam da realidade. Agora é uma festa monótona que vive do dinheiro de órgãos oficiais, já que o carnaval virou uma indústria em que os clubes não conseguem se manter por contra própria. Quanto às escolas de samba, resta dizer que:

Todos os anos é a mesma cousa. Remelexo, bumbuns de fora, o boi da cara preta também, seios amostrados. Homossexuais, heteros, giletes e outros tipos da selva pornográfica desfilam à custa de verbas do erário, para que os que moram em casebres de taipa, em favelas, ou debaixo das pontes, em quartos de papelão, felizes, pensem que participaram da festa do povo. Está quase no fim o carnaval. (Ibid. id.).

Ainda em 1989, A. Tito Filho publicou mais um texto comparando os carnavais do presente e do passado, onde um carnaval antigo tomado pelo “entusiasmo e alegria dos foliões” em oposição ao carnaval “pornográfico” do presente. Para ele, quem viu os carnavais antigos nunca esquece:

As Fantasias bonitas, os bailes de intensa animação, as melodias inesquecíveis, os prestígios, as batalhas de confetes – rodelinhas coloridas atiradas pelos foliões uns aos outros, e as de lança-perfume, as serpentinas, os cordões, os blocos, o curso – tudo isto se resume em muita saudade de tempos maravilhosos. (TITO FILHO, 1989, p.04).

O carnaval se transformou, nos bailes e nas ruas, em exibição de corpos numa disputa de caráter erótico, onde as mulheres são transformadas em meros objetos de uso publicitário. O carnaval foi transformado em espaço de puro cinismo. No espaço fechado dos clubes, o que se via era uma paisagem de homens e mulheres em cenas degradantes, “mostrando as

vergonhas que Deus mandou que fossem cobertas. Que dizer da selva dos homossexuais?” Pura desolação moral. Ainda nessa crônica, A. Tito Filho culpa o fim da censura pelo estado de coisas do carnaval, já que agora não existiam mais normas que regessem os princípios da moralidade pública. A própria Constituição Federal garantia o imoralismo. Pior era ver que o carnaval brasileiro “se resume nos bailes de uns clubes elegantes e nos desfiles de luxo das escolas de samba, estas patrocinadas pelos cofres públicos – e os Estados e municípios vão copiando a prática e ovacionando a falta de decoro por todos os cantos e recantos”.

O cronista aqui já não é mais aquele de *Carnavais de Teresina*, que buscava historiar os carnavais da cidade de 1852 a 1952. Agora ele surge como o observador do cotidiano que ocupa uma tribuna privilegiada, a da crônica, de onde debate questões da ordem do dia, acabando por deixar em seus textos sua visão de um tempo vivido, ou mesmo de tempos vividos (SOUZA, 1998). Para muitos cronistas e comentaristas antigos do carnaval esta época era percebida como o tempo da “liberdade universal”, ou da “loucura universal” – o carnaval como o tempo do permitido. Para Peter Burke é importante perceber também que cada descrição do carnaval é na verdade uma interpretação, pelo menos em parte: as fontes sugerem que o carnaval era um tempo de permissividade relativa, um tempo de excitações aumentadas, um tempo percebido como “liberdade universal” pelos participantes, que parecem deter uma sensação de poder, de impunidade, no qual (quase) tudo era permitido (BURKE, 2001).

É perceptível que A. Tito Filho se incomodava justamente com essa “liberdade universal”, com essa “loucura universal”, essa ideia de que o carnaval é o período onde (quase) tudo é permitido. Incomodava-se com a paralisação dos dias úteis; a festa transformada em demonstração de luxúria e sexo; a presença dos homossexuais e outros tipos “invertidos”; a participação feminina como sinônima da exploração do corpo pela publicidade; enfim, o carnaval como espaço da perversidade/permissividade e da subversão das leis, sobretudo por se aproveitar do fim da censura. As escolas de samba se transformavam, assim, no espaço privilegiado onde tudo isso tomava forma, uma forma que era a representação mais acabada de tudo aquilo que o carnaval virou: paisagem da desolação moral, da pornografia, do cinismo e do imoralismo.

Quanto aos aspectos relativos à escrita, as crônicas são elaboradas, em minha opinião, para resolver o “problema do carnaval do presente” em termos (também) de inversão: lida com o presente mantendo uma relação muito aproximada com o passado (SUSSEKIND, 2004); por outro lado, é justamente essa relação que permitirá que o presente “invertido” seja

mais bem suportado, por permitir ao cronista “desembarcar” nele vindo do passado. São crônicas onde o tempo não é tomado por uma cronologia, como acontece no livro *Carnavais de Teresina*, mas por uma intensidade (GAGNEBIN, 2004). O carnaval, essa época da “inversão”, precisa na escrita de A. Tito Filho estabelecer uma relação pautada numa *lógica da ambivalência*, que projetará o relato da crônica para uma dimensão carnavalizada. Ou melhor, a dimensão carnavalizada do presente precisa ser (melhor) tomada em termos de ambivalência – é como se a ambivalência fosse o arco de sustentação dessas crônicas (CALVINO, 1990, p. 70).

A escrita de A. Tito Filho não estabelece uma *lógica da inversão* em relação ao presente, pois ele já aparece invertido aos olhos do cronista (DISCINI, 2008). Suas crônicas, dotadas obviamente de uma subjetividade bem marcada, demonstram suas opiniões. Mas para suportar esse presente ele inverte os termos da relação, lidando com o carnaval do final da década de 1980 e início da década de 1990 através (por meio!) do passado, tomando como referenciais uma visão, sem dúvida, nostálgica (no sentido grego mesmo da palavra, ou seja, de uma perda) dos carnavais teresinenses do passado.

Já em 1990, A. Tito Filho escreveu apenas duas crônicas sobre o carnaval: na primeira estabelece uma antevisão do fim mesmo da festa, e na segunda critica a intensa comercialização da festa. Em *The End*, ele afirma que a bonita trajetória da festa, “desde o velhíssimo entrudo”, atingiu o último capítulo. Nas circunstâncias atuais, o carnaval já não tem mais coisa alguma a ver com os carnavais verificados até os anos 1960, “de músicas inesquecíveis, bailes maravilhosos, corso, batalhas de confete, de serpentina e de lança-perfume”. As escolas de samba do Rio de Janeiro do passado ofereciam um espetáculo de criatividade e o carnaval era uma festa espontânea, popular, original e bem humorada – agora anulada e desprezada:

Que se observa nestes novos tempos? O carnaval comercializado, para atrair turistas endinheirados, que gastam e esbanjam, embora sufoquem a alma popular. As escolas de samba, no Rio, gastam milhões, endinheirando mais ainda os empresários do luxo desmedido, num país de famintos e miseráveis. Carnaval oficial em que se gastam milhões dos cofres da nação. (TITO FILHO, 1989, p.04).

Em Teresina, o cronista observou um carnaval “inexpressivo e sem graça.” Já em Carnaval, o cronista aponta que ao final de mais um período festivo ruidoso o carnaval se transformou num espetáculo de luxo e luxúria, bancado “pelos poderes públicos e pelos banqueiros do jogo do bicho”, com o objetivo único de atingir lucros milionários. O carnaval

já não é mais aquele das batalhas de confete, da serpentina, do corso, dos blocos – tudo desapareceu. Agora vigoram as escolas de samba “de milhares de figurantes e despesas astronômicas.” Um carnaval que é mera rotina, todo ano a mesma coisa. Para A. Tito Filho, além de ser uma festa comercializada e decadente (“degradante”), o carnaval ainda gerava imitações:

Mas outros estados e municípios procura-se imitar o Rio e São Paulo e apresentam arremedos de escolas de samba, como as de Teresina, de reduzido número de figurantes, carros alegóricos mambembes, desajeitados, algumas caboclas sacudindo as ancas e exibindo os magros possuídos. Pelo meio, alguns veados desengonçados. Vale dizer que o soçaite e a classe média da capital piauiense correm para a pequena faixa litorânea de Luís Correia, a 300 quilômetros de distância, e aí os ricos se banqueteiam em chalés e mansões elegantes, enquanto o grosso dos visitantes vegeta na mais condenável promiscuidade. (TITO FILHO, 1990, p.04).

Para ele, o carnaval não mais se constituía em festa popular – esta era o carnaval de ontem. O carnaval era na verdade uma demonstração do quanto o poder público gastava, ou melhor, desperdiçava na festa, enquanto os verdadeiros problemas sociais (a segurança, a saúde pública) eram solenemente ignorados em favor de uma festa que não passava de “folgedos de álcool, exibicionismo de sexo em que se revelam as mais tristes frustrações do gênero humano.” A festa não era mais celebração, virou mesmo deseducação:

Observe-se que a festa de Momo cada vez mais educa o brasileiro para o descumprimento dos deveres. Não mais se reduz a três dias a patuscada, mas esta tem início na quinta-feira ou sexta-feira, prossegue sábado, domingo, segunda, terça, quarta-feira corresponde a dia bocejante, de ressaca e remedoria, e o restante de semana equivale a merecido descanso, depois de uma temporada em que muito se fez pelo progresso do Brasil. (Ibid. id.).

No carnaval de 1991, o cronista retoma em sua escrita os mesmos movimentos dos anos anteriores. Em *Costumes Antigos* o tom é inteiramente pessoal,<sup>9</sup> onde o folião A. Tito Filho é o próprio protagonista dos carnavais de ontem:

Era bom. Quando me entendi em coisas carnavalescas, ainda mascarados se apresentavam pelas ruas. Uma das características dos carnavais brasileiros do passado esteve no uso de máscaras e com esta se fazia intensa comercialização. Igualmente, as fantasias muita beleza deram aos velhos carnavais. Hoje, com elas, os foliões concorrem a prêmios geralmente concedidos pelos poderes e pelas sociedades recreativas. Constituem espetáculos de luxo e riqueza. (TITO FILHO, 1991, p.04).

---

<sup>9</sup> Sobre a vinda de A. Tito Filho para Teresina ver: TITO FILHO, A. Tempos de Memória. In: **Teresina Meu Amor**. 4. ed. – Teresina: COMEPI, 2002. p. 25-27.



Aponta que as músicas mais apreciadas nos carnavais antigos eram a polca, a quadrilha, a valsa, cançã, o tango, o maxixe, substituídos pelo samba e pela marcha. Um dos sucessos daqueles carnavais foi *Helena, Helena*. Estes carnavais de antigamente são para ele inesquecíveis:

Nunca me esqueço do Zé Pereira de outras épocas. Alguns rapazes animados, eu entre eles, numa carroça enfeitada, percorríamos a avenida Frei Serafim, que se chamava Getúlio Vargas.

Quem pode deslembrar-se do lança-perfume, e das batalhas que jovens machos e fêmeas travavam na praça Rio Branco, cinco horas da tarde? A gente procurava acertar o líquido forte da bisnaga nos seios das garotas. Era bom. Também se feriam batalhas animadas de confete. As rodelinhas se atiravam pelos foliões e folionas uns aos outros. Da mesma forma com o talco. Outra animação se promovia com a serpentina, uma fita estreita de papel colorido, enrolada sobre si mesma de disco, e que se desenrolava, quando atirada, mantendo-se uma das pontas segura. Muito usado nos folguedos de rua. (Ibid. id.).

Outro elemento inesquecível eram os corsos. De cinco da tarde até sete da noite, seguiam veículos lotados de foliões (inclusive mulheres) por caminhos definidos pelas autoridades municipais. Havia inclusive um carro para as “raparigas da zona do meretrício”, vestidas em fantasias berrantes e que participavam das festas com a devida licença da polícia. Para A. Tito Filho o carnaval de antigamente, este sim, era o bom:

Era bom o carnaval de rua. Jovens, maduros e velhos exibiam trajes engraçados, às vezes marginais. Alguns desses foliões se juntavam para a formação de pequenos blocos que desfilavam pelas vias principais de Teresina. A figura central dos tipos carnavalescos dos blocos de rua, pela adesão à folia de todos os anos e esfuziante animação, dançando e cantando, e o alfaiate Bernardo, um dos mais conhecidos dos louros frescos da cidade, assumido, saia comprida e rodada, sutiã e um bocado de colares e pulseiras. Nos dias correntes a veadagem tomou conta do carnaval de rua de Teresina. (Ibid. id.).

Estes velhos e saudosos carnavais que A. Tito Filho conheceu começavam no sábado de noite e prosseguiam até terça-feira. No dia seguinte, cinzas: os cristãos meditavam. Era uma festa marcada pela “alegria, companheirismo, educação.” Realizavam-se bailes “animadíssimos, corsos maravilhosos e um carnaval de rua bem carregado de bom humor.” Até mesmos “pobres e remediados” se empregavam à folia, sem excessos. Agora, o carnaval do presente, o carnaval “de hoje”, parecia não mais que uma queda ladeira a baixo:

Houve o declínio por toda parte. Desanimados folguedos nas ruas, extinção do curso de automóveis e caminhões, e o triste espetáculo das escolas de samba, de caráter competitivo, com o apoio de órgãos públicos. O carnaval, de certo tempo a esta parte transformou-se em devassidão, com bailes de mulheres peladas, gueis pelo torto e pelo direito e o cenário de sexo despuadorado, como se vê nas transmissões televisivas do Rio e de São Paulo. (TITO FILHO, fevereiro, 1991).

O carnaval que começava no sábado à noite, se esticou, começando já na quinta ou sexta-feira até quarta ou quinta-feira. O país parado por até cinco, seis dias seguidos. A festa virou um espaço de explosão da violência, dos gastos desenfreados, onde a economia de um ano inteiro é perdida. As escolas de samba, para o cronista, não passam de um desperdício “inacreditável” de dinheiro, chegando ao ponto de se construir um Sambódromo, cujo nome revela (por sua etimologia) “besteirice refinada.” Mesmo em Teresina, o poder público chegava a gastar dinheiro público na distribuição de “valente cachaça” aos foliões, o que não se observava antigamente. O carnaval se transformou em “instantes de irresponsabilidade.”

A. Tito filho aponta, finalmente, que participou de alegres festas carnavalescas, “quarenta, cinqüenta anos passados”, e que eram festas populares de raros excessos. Brincava-se: sem erotismo, sem mulheres peladas, sem homossexuais. Uma festa contagiante, fraterna, iniciada por volta das cinco da tarde e encerrada pelas quatro da manhã do dia seguinte. Agora, era o surgimento do carnaval comercializado, cujo modelo era o Rio de Janeiro, fazendo com que mesmo em Teresina os foliões quisessem copiá-las, apresentando-se em “grotescos e desengonçados desfiles na avenida Frei Serafim”:

Poderosos interesses de uns trinta anos para cá orientam e dirigem os carnavais brasileiros, subornando indivíduos e instituições. Neles se locupletam indústrias e comércio e para tanto a publicidade faz deles exibição permanente de despuadoramento e luxúria. Nos bailes em clubes fechados se passam cenas de Sodoma e Gomorra, orgias e bacanais que só uma sociedade doente admite e suporta, e um governo cúmplice as permite e garante. (TITO FILHO, 1991, p.04).

O carnaval, agora mero comércio, era motivo de imensos gastos não apenas de somas exorbitantes, mas de gastos que geravam grandes perdas em “valores morais e espirituais.” Processo iniciado com aquilo que o cronista nomeia de “libertação da mulher”, que teria transformado a vida social. Completou-se o processo com o domínio da televisão e seu “criminoso processo educativo” de exibição de novelas destinadas à corrupção da família.

## 6. Cinzas

Essa acusação contra as mulheres e contra a TV, faz parte de uma visão muito mais ampla daquilo que o autor chamará de “empacotamento”.<sup>10</sup> Um processo amplo e complexo de degeneração da cultura brasileira (perceptível também em Teresina) que atravessava vários setores da cultura e do cotidiano, cujos alvos principais, identificáveis em suas crônicas, serão as mulheres, a televisão, a política nacional e a cultura brasileira.

Vimos no livro *Carnavais de Teresina* que o autor, atuando muito mais como historiador do que como cronista traçou a trajetória dos carnavais de Teresina como uma festa que surgiu do rompimento com o entrudo; marcada por práticas típicas do (verdadeiro) carnaval, como os bailes, corsos e respectivos espaços; marcada também por uma intensa presença de figuras ligadas à vida política e intelectual da Cidade, bem como de pessoas ligadas às elites, sobretudo quando se referia às presenças femininas; vimos também a preocupação do autor em caracterizar estes carnavais de ontem como o verdadeiro carnaval.

As crônicas, portanto, são importantes não apenas para percebermos a forma como ele se relacionava com os carnavais do presente, mas também para percebermos que todo o processo iniciado no livro se completou nelas. O livro acabou funcionando, dentro do conjunto da obra do autor, como o elemento que garantia aquela evocação de um passado idealizado de confiança e respeito mútuo, um passado em que se vivia o verdadeiro carnaval, em detrimento de um momento presente inaceitável. As crônicas, escritas e publicadas no final da década seguinte, acabavam justificando todo o modelo explicativo colocando em funcionamento no livro, mesmo que o livro tenha sido publicado anteriormente.

Nas crônicas, também é possível perceber que não era só o carnaval que lhe parecia “invertido.” Para A. Tito Filho, era como se todo o universo cultural (que incluía o mundo da política) parecesse invertido. Podemos observar isso nas crônicas que abordam a figura da mulher. Nelas, boa parte da culpa pela inversão do mundo é colocada na conta das mulheres, que são também culpadas pelo “aumento espantoso do homossexualismo.” Elas, “as filhas-de-eva”, abandonaram o lar, e assim, quando têm posses, os filhotes caem nos beliscões das babás descarinhosas. Para as crianças pobres

existem creches, onde passam horas, sem contar os orfãozinhos de afeto. Quando mais taludos, garotos e garotas passam ao processo de deseducativo das ruas e nestas adquirem todos os vícios e a convivência dos mais

---

<sup>10</sup> Ver: TITO FILHO, A. Empacotamento. *O Dia*, Teresina, 19 maio 1988, p. 4. Disponível em: < <http://migre.me/cPka3> >. Acesso em: 05 janeiro 2013.

perniciosos companheiros. Nos dias atuais a televisão faz o resto. (TITO FILHO, 1988, p.04).

Assim, a inversão, aquela *carnavalescação* que deu título a uma de suas crônicas afetava não apenas uma das mais importantes festas do país, mas sua própria estrutura social. Eu poderia seguir mais em frente, abordando essas interpretações da cultura e do cotidiano brasileiro, a partir das crônicas de A. Tito Filho sobre as mulheres, mas aí já seriam outros carnavais.

## Referências

- BURKE, Peter. A tradução da cultura: o Carnaval em dois ou três mundos. In: **Variiedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. 2. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 213-230.
- \_\_\_\_\_. O Carnaval de Veneza. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. – (Coleção Várias Histórias). p. 27-39.
- CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 79.
- CHAVES, Monsenhor. Teresina: subsídios para a história do Piauí. In: **Obra Completa**. Prefácio de Teresinha Queiroz. 2. ed. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1998. p. 32.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. Vários Zés, um sobrenome: as muitas faces do senhor Pereira no carnaval carioca da virada do século. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. – (Coleção Várias Histórias). p. 371-417.
- DAMATTA, Roberto. Carnaval em múltiplos planos. In: **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 85-151.
- \_\_\_\_\_. Carnavais da igualdade e da hierarquia. In: **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 153-178.
- DISCINI, Norma. Carnavalização. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 53-93.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.
- GAGNEBIAN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: **História e Narração em Walter Benjamin**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 73-92.
- LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)**. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. – (Coleção Várias Histórias).
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- OLIVEIRA, José de Arimatéa Vitoriano de. História em crônicas/crônicas da história: Fortaleza nas décadas iniciais do século XX. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH – São Paulo, julho, 2011. p. 3. Disponível em: < <http://bit.ly/OJeD3U> >. Acesso em: 30 agosto 2012.
- PEREIRA, Cristina Schettini. Os senhores da alegria: a presença das mulheres nas grandes sociedades carnavalescas cariocas em fins do século XIX. CUNHA, Maria Clementina Pereira

- (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. – (Coleção Várias Histórias). p. 311-339.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922). CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. Campinas: Editora da Unicamp/CECULT, 2001. – (Coleção Várias Histórias). p. 419-444.
- SÁ FILHO, Bernardo Pereira. O Carnaval de Teresina. In: EUGÊNIO, João Kennedy (Org.). **História de vários feitio e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 74-95.
- SILVEIRA, Jorge Fernando da. Fernão Lopes e José Saramago: viagem – paisagem – linguagem cousa de veer. In: Candido, Antonio [et al]. **A Crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 25-37.
- SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Ao correr da pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História contada**: capítulos de história social da literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 123-143.
- SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- WILLIAMS, Raymond. Um problema de perspectiva. In: **O campo e a cidade**: na literatura e na história. Tradução de Paulo Henriques Brito. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 22-28.
- TITO FILHO, José de Arimathéa. **Carnavais de Teresina**. Teresina: COMEPI, 1978.
- \_\_\_\_\_. Carnavalescação. **O Dia**, Teresina, 07 março 1989, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkeh>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Quase no fim. **O Dia**, Teresina, 07 março 1992, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkpf>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Ontem e hoje. **O Dia**, Teresina, 12-13 março 1989, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkug>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. The End. **O Dia**, Teresina, 02 março 1990, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkyD>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Carnaval. **O Dia**, Teresina, 25 março 1990, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkNM>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Carnaval. **O Dia**, Teresina, 08 fevereiro 1991, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkD1>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Costumes antigos. **O Dia**, Teresina, 09 fevereiro 1991, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkPp>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Irresponsabilidade. **O Dia**, Teresina, 10-13 fevereiro 1991, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkSB>>. Acesso em: 01 janeiro 2013.
- \_\_\_\_\_. Folia perniciosa. **O Dia**, Teresina, 15 fevereiro 1991, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkWb>>. Acesso em: 01 janeiro 1991.
- \_\_\_\_\_. Mães. **O Dia**, Teresina, 15 maio 1988, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPkZ2>>. Acesso em: 01 janeiro 1991.
- \_\_\_\_\_. As pobres vítimas. **O Dia**, Teresina, 19 outubro 1987, p. 4. Disponível em: <<http://migre.me/cPl2v>>. Acesso em: 01 janeiro 1991.

Recebido em: 15 maio de 2013

Aprovado em: 20 de agosto 2013